

32. O Dom de Línguas e a Edificação da Igreja: Preferência, Sinal e Prudência (1 Co. 14:18-25)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 06/04/2026 09:57

O Contexto dos Problemas Litúrgicos em Corinto

A Primeira Carta de Paulo aos Coríntios é, em grande medida, uma resposta pastoral a uma igreja em crise. Entre os muitos problemas que assolavam a comunidade cristã de Corinto — divisões partidárias, imoralidade sexual, litígios entre irmãos, questões sobre o matrimônio e sobre alimentos oferecidos a ídolos —, havia também uma série de desarranjos graves no culto público. É a partir do capítulo 11 que Paulo começa a tratar sistematicamente dessas desordens litúrgicas.

O primeiro problema abordado é a participação das mulheres no culto: elas oravam e profetizavam, mas a questão do véu havia gerado confusão e descumprimento das normas que Paulo havia transmitido. Em seguida, o apóstolo volta sua atenção para a Ceia do Senhor, que estava sendo celebrada de maneira tão irregular e desrespeitosa que ele chega a dizer que aquilo que os coríntios faziam já não podia nem mesmo ser chamado de Ceia do Senhor.

A partir do capítulo 12, Paulo enfrenta um problema ainda mais delicado: o uso desordenado dos dons espirituais, com destaque para o dom de línguas. Nesse capítulo, ele trata da origem dos dons, da diversidade que existe entre eles e da unidade que os sustenta, e apresenta uma lista dos dons que considera mais essenciais para a vida da igreja — encabeçada por apóstolos, profetas e mestres, com o dom de línguas aparecendo ao final, muito provavelmente de forma intencional, para questionar a supervalorização que os coríntios lhe atribuíam.

O problema central era precisamente esse: os coríntios estavam **encantados com o dom de línguas**. Havia na comunidade uma fascinação desmedida por esse dom, que era exercido de forma simultânea por muitas pessoas, sem que houvesse qualquer interpretação. O resultado era um culto caótico, no qual ninguém era instruído, ninguém era edificado e ninguém compreendia o que estava sendo dito.

É nesse cenário que Paulo escreve o capítulo 14, onde a palavra-chave é **edificação**. O termo aparece repetidas vezes ao longo do capítulo porque é precisamente esse o critério que deve reger o exercício de qualquer dom espiritual nas reuniões da igreja: ele edifica? Ele instrui? Ele traz consolo, orientação e crescimento espiritual? Um dom que não pode ser compreendido pela assembleia, por mais genuíno que seja, não cumpre sua função no culto coletivo.

No capítulo 13, Paulo já havia apontado um caminho mais excelente — o amor —, exortando a igreja a não se lançar desenfreadamente na busca por manifestações extraordinárias, mas a priorizar aquilo que verdadeiramente une, fortalece e matura o corpo de Cristo. E no capítulo 14, antes da passagem que ora se examina, o apóstolo já havia estabelecido três princípios fundamentais: a prioridade deve ser dada ao que edifica; um dom que não é inteligível para nada aproveita (ilustrado pelas imagens do corneteiro, da orquestra e dos dois estrangeiros que não se entendem); e é necessário orar e cantar tanto no espírito quanto com o entendimento, de modo que as manifestações espirituais tenham sentido para toda a congregação.

É sobre esse pano de fundo que Paulo, nos versículos 18 a 25, apresenta mais três princípios reguladores — os quais constituem o tema central do presente artigo.

A Preferência Apostólica: Cinco Palavras Compreensíveis Valem Mais do que Dez Mil em Línguas

"Contudo, na igreja, prefiro falar cinco palavras com o meu entendimento, para instruir os outros,

do que falar dez mil palavras em línguas." (1 Co. 14:19)

O versículo 18 abre com uma declaração que Paulo faz questão de registrar antes de enunciar sua preferência: "*Dou graças a Deus porque falo em línguas mais do que todos vocês.*" Essa afirmação não é acidental nem retórica. Ela serve como fundamento de autoridade para o que vem a seguir. Paulo não fala de um dom que desconhece. Ele tem experiência direta com o falar em línguas — e, segundo suas próprias palavras, em nível superior ao dos próprios coríntios, que faziam desse dom o centro de sua vida espiritual.

Vale notar que o livro de Atos não registra nenhuma ocorrência do apóstolo Paulo falando em línguas. Conhecemos os detalhes de sua conversão: a viagem a Damasco, a luz que o cegou, os três dias de jejum e oração, a visita de Ananias, a imposição de mãos, a cura da cegueira e o recebimento do Espírito Santo. Mas não há nenhuma menção explícita à glossolalia nesse relato. Ainda assim, o versículo 18 deixa fora de dúvida: Paulo falava em línguas. A ausência do registro em Atos não é ausência do dom — é simplesmente uma lacuna narrativa.

Quando Paulo diz que fala em línguas *mais do que todos* os coríntios, a expressão admite ao menos dois sentidos possíveis. O primeiro é de frequência: Paulo exercia esse dom com mais regularidade do que qualquer membro da comunidade. O segundo sentido, talvez mais rico, relaciona-se com a expressão "*variedade de línguas*" que aparece no capítulo 12 — ou seja, Paulo seria habilitado a falar em mais idiomas distintos do que os coríntios, não estando restrito a uma única língua estrangeira, mas podendo manifestar o dom em múltiplas línguas que nunca havia aprendido de forma natural.

Seja qual for o sentido exato, o ponto é claro: **Paulo sabia o que era o dom de línguas por experiência própria.** Isso importa porque, imediatamente após essa declaração, ele apresenta sua preferência pessoal com respeito ao culto — e essa preferência, vinda de quem tem plena experiência com o dom em questão, carrega peso pastoral e teológico considerável.

A Preferência e Seu Significado

"Contudo, na igreja, prefiro falar cinco palavras com o meu entendimento." (1 Co. 14:19a)

A expressão "*na igreja*" é decisiva para a interpretação correta desse versículo. Paulo não está fazendo uma declaração absoluta sobre o dom de línguas em todos os contextos possíveis. Ele está falando especificamente sobre as **reuniões da comunidade**, o culto público, o encontro coletivo dos crentes. Isso é confirmado pelo verso 23, onde ele diz: "*se toda a igreja se reunir no mesmo lugar*" — deixando claro que tem em mente a assembleia litúrgica.

Nas reuniões da igreja, portanto, Paulo prefere falar **cinco palavras compreensíveis** a dez mil palavras em línguas. O contraste é deliberadamente hiperbólico: cinco contra dez mil. A desproporção numérica é usada para sublinhar um princípio qualitativo: **a inteligibilidade vale infinitamente mais do que a quantidade de manifestação espiritual incompreensível.** Cinco palavras que instruem, que iluminam, que consolam, que corrigem — cinco palavras que chegam à mente e ao coração do ouvinte — superam em valor todas as expressões espirituais que ninguém consegue processar.

A razão explicitada pelo apóstolo é precisa: "*para instruir os outros.*" O culto não existe para a autoexpressão espiritual do indivíduo. O culto existe para que a comunidade seja ensinada, fortalecida, corrigida e amadurecida na fé. Quando uma manifestação espiritual não contribui para esse fim — quando ela não instrui, não consola, não orienta —, ela pode até ser genuína em sua

origem, mas está sendo exercida no lugar errado, no momento errado, da maneira errada.

Uma Objeção Respondida de Antemão

Esse princípio tem uma implicação direta para um argumento que circula com frequência em debates sobre o dom de línguas: o de que a reticência diante desse dom seria fruto de ignorância experiencial. Segundo essa linha de raciocínio, quem nunca falou em línguas não teria condições de avaliar o dom corretamente — e, uma vez que tivesse a experiência, suas reservas desapareceriam naturalmente.

Paulo, com sua declaração no versículo 18, responde a essa objeção antes mesmo que ela seja formulada. Ele tinha a experiência. Ele falava em línguas mais do que todos. E, ainda assim, mantinha reservas profundas quanto ao uso indiscriminado desse dom no culto público. Suas restrições não nasciam da ignorância, mas do discernimento — um discernimento fundamentado na Palavra de Deus e orientado pelo amor à edificação da igreja.

Isso estabelece um princípio hermenêutico de grande alcance: **as experiências não estabelecem doutrina; é a doutrina que julga as experiências.** Uma pessoa pode ter uma experiência intensa, emotiva e subjetivamente significativa, e ainda assim essa experiência pode não ser produzida pelo Espírito Santo. Pode ser fruto da emoção, da sugestão coletiva, do desejo genuíno mas mal direcionado. Por isso, toda experiência espiritual precisa ser examinada à luz da Escritura — não o contrário.

A preferência de Paulo, portanto, não é a preferência de alguém que desconhece o dom ou que o teme por ignorância. É a preferência de um apóstolo inspirado, experiente e profundamente comprometido com a edificação do corpo de Cristo — que, exatamente por conhecer o dom, sabe onde e como ele deve e não deve ser exercido.